A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

ALINE KAREN LACERDA DOS SANTOS

RESUMO

O presente trabalho visa promover reflexões a respeito da importância da literatura e da arte de contar histórias como potencializadoras da aquisição da aprendizagem infantil. Além de ser um veículo de informação e lazer, a arte de contar histórias direciona o pensamento das crianças, dando suporte para que elas sejam mais argumentativas e interajam de maneira significativa com o mundo que as cerca, tornando-se assim, agentes de modificação da sociedade na qual estão inseridas. O ato de contar história na educação infantil além de contribuir para a formação da personalidade, pois, as crianças se identificam com os personagens, torna-se um grande recurso pedagógico do professor ao auxiliá-lo com o processo de aquisição da leitura e escrita de seus alunos de forma prazerosa.

Palavra-Chave: Educação Infantil; Personalidade; Comportamento; Lúdico.

INTRODUÇÃO

O ato de contar história para as crianças, existe para muitos ainda no ambiente familiar pertencente a sua cultura, antes mesmo da criança frequentar a escola. Na atualidade as tecnologias estão chegando cada vez mais cedo na vida das crianças, fato esse que estimula muitas vezes a perda da atenção referente aos livros, tornando o trabalho do educador mais desafiador.

O ato de contar história tornou-se um recurso precioso para a prática pedagógica na educação infantil, ao contar uma história o professor interage no mundo particular do aluno de diversas formas, as mensagens que uma simples história transmite, desenvolve a criatividade, a imaginação, auxilia na oralidade e contribui para a formação da personalidade, trabalhando de forma lúdica no comportamento infantil.

É na escola que muitas vezes as crianças irão ter um contato especial com as histórias, deixando de lado as tecnologias oferecidas no ambiente familiar como: jogos, celulares, televisores entre outros, sendo assim, cabe ao professor realizar um planejamento específico para a escolha das histórias que serão contadas, com os objetivos claros que desejam alcançar e a forma como essa história será contada.

O educador deve conhecer bem os seus alunos, proporcionando significado à contação de histórias, dessa forma cria-se uma relação da leitura com a realidade, fazendo sentido e tornando-se um momento prazeroso de aprendizagem e desenvolvimento para a criança, sendo assim, a figura de um contador de história se faz necessário, no qual já existem diversos cursos que auxiliam professores que pretendem se aperfeiçoar na arte do contar histórias.

O currículo da educação infantil contempla diferentes e variadas linguagens que enriquecem a bagagem cultural dos alunos. A arte de contar histórias se caracteriza como um rico instrumento de produção do conhecimento pelas crianças, pois o universo da literatura infantil permeia grande parte das práticas pedagógicas na infância. Nesta perspectiva, essa temática ressalta a importância de ler e contar histórias para as crianças, enriquecendo o desenvolvimento social e humano dos alunos e propondo desafios relevantes para a formação da personalidade infantil e para a interpretação do mundo.

Assim, este artigo tem como objetivo geral, impulsionar o pensamento reflexivo a respeito da literatura e da contação de histórias no desenvolvimento infantil, enriquecendo as práticas pedagógicas e o desenvolvimento integral dos alunos.

A nossa sociedade contemporânea vive em um contexto que nossas crianças estão cada vez mais inseridas na mídia e na tecnologia da educação, e por este motivo, muitas vezes os livros acabam sendo deixados de lado e o professor tem que assumir uma postura de incentivador pelo mundo da leitura, contudo, esse trabalho irá ressaltar a importância da contação de história, pois desde os primórdios o homem escolheu essa estratégia para ensinar valores e concepções morais.

Desta forma, esta monografia que tem como metodologia bibliográfica, além disso, segue como objetivo geral: estudar a importância das contações de história para o desenvolvimento da criança e objetivos específicos: entender a relação da contação de história pelo prazer pela leitura; analisar a relação da contação de história com a criatividade do educando e compreender esta história como uma atividade lúdica benéfica

ao ensino das crianças e entender a relação que a contação de história estabelece com a afetividade no âmbito educacional.

Para Abramovich (1997, p.22):

"Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças) ". (Abramovich, 1997, p.22).

Incluir a narração de histórias na rotina da educação infantil, ajuda no desenvolvimento do trabalho do educador, pois auxilia na aprendizagem da criança, fazendo uso do lúdico no momento do ensino.

O IMAGINÁRIO INFANTIL

Segundo Faria (2016), ao contar uma história desperta na criança sentimentos e emoções que se ligam ao imaginário, possibilitando a construção do seu próprio conhecimento ao intercalar fantasia com a realidade.

É natural do ser humano a busca por respostas para as suas inquietações e conhecimento de si mesmo, esse sentimento também se torna presente na criança e as histórias transmitem conhecimentos e valores que se tornam realidade com os seus personagens (FARIA, 2016).

Na imaginação infantil, a criança se transforma naquilo que mais lhe agrada, às vezes é o mocinho, às vezes é o vilão, é o desenvolvimento do consciente e subconsciente, formando assim a sua personalidade que pode ser boa ou ruim (FARIA, 2016).

Durante a infância, muitas crianças possuem sentimentos confusos em relação à família, a si mesma e ao mundo, para elas, falar sobre o que sentem e suas emoções são mais complicados do que para um adulto que sabe assimilar melhor as suas emoções, por isso a incerteza emocional muitas vezes pode ser observada no comportamento da criança em forma de agressão, desobediência, hiperatividade, dificuldade no aprendizado, atenção e ansiedade (FARIA, 2016).

Muitos desses sintomas acima não são percebidos no ambiente familiar ou é visto como uma criança manhosa e recompensado com objetos como: celulares ou brinquedos, é no cotidiano escolar que o professor consegue observar melhor os sentimentos das crianças, na representação de um desenho ou em uma brincadeira de faz de conta, por exemplo, a criança inconscientemente transmite as emoções e sentimentos que de outra forma não aparecem:

A literatura para crianças hoje abrange diferentes tipos de contos, entre os tradicionais e os modernos. Segundo Léon, os contos tradicionais (contos de fadas, contos maravilhosos etc.) "tocam aspectos muito importantes de nossa natureza e de nossa história [pois] o conto constrói/estabelece o ser humano como um ser de linguagem e de cultura, para o qual todas as atividades de sobrevivência (alimentos, roupas, relacionamento com animais e plantas) adquirem dimensões imaginárias e simbólicas. " Por isso, contos de fadas, lendas em geral de todos os povos, fábulas e histórias populares continuam a ser apreciados e a fascinar as crianças.

Ao lado deles, temos os contos modernos: para Léon, "são narrativas originais, criadas por autores contemporâneos, que não têm nada a ver com a tradição oral (popular), mas que trazem uma certa renovação do maravilhoso". Além disso, os contos modernos abordam o dia a dia das crianças, desde as situações mais banais do cotidiano até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nosso tempo e com os quais, conscientemente ou não, os pequenos leitores estão em contato (FARIA, 2016, p.24).

Assim a contação de história torna-se um recurso rico para o professor, pois, fala com a criança de um modo que ela entende, usa-se do lúdico, do imaginário para transmitir a mensagem que auxilia a criança a viver aquele momento de sua vida (FARIA, 2016).

A LITERATURA INFANTIL NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Nos primórdios da literatura infantil, a oralidade teve grande importância no contexto de criação da literatura infantil brasileira, sendo influenciada por segmentos culturais provenientes de outras nações. Sabe-se que existem muitas obras compostas por referenciais relevantes para o aperfeiçoamento da imaginação infantil e, nessa perspectiva, elas ajudam as crianças a resolverem alguns dos seus dilemas pessoais, da mesma forma em que estimulam a capacidade de pensar criativamente.

A cultura literária de um povo é marcada pelos gêneros que circulam e se propagam no decorrer do tempo. Os homens primitivos compunham seus cânticos, lendas e as transmitiam de memória em memória e

de boca em boca, como forma de se manter viva a tradição de seus povos.

As exibições públicas com traços orais eram tradicionalmente repetidas e ouvidas com encanto e convicção, principalmente pelas crianças que possuíam a seu favor o imaginário, tornando-a um ser diferente do adulto e com mentalidade lúdica.

A literatura estrangeira desencadeou o interesse popular, principalmente na Europa, onde grandes nomes se tornaram marcos para outras gerações. O francês Charles Perrault foi um dos precursores da literatura infantil e seus contos tinham um enfoque voltado às classes sociais mais abastadas. Tratava com certa ironia as superstições do povo e mantinha afastamento social dessa classe.

As sociedades, com as suas necessidades, foram instigando algumas mudanças no gênero dos contos de fadas. O enfoque educativo na literatura infantil se enfraqueceu no decorrer do tempo, dando espaço às narrativas voltadas ao prazer e deleite do leitor.

A literatura infantil brasileira inicialmente manteve os moldes do modelo burguês e não se desprendeu dessa literatura que enfatizava a moral, os preceitos e regras sociais. Essa tradição perdurou por muito tempo, entre diferentes gerações, mas sempre com o potencial de encantamento enraizado nas pessoas.

HISTÓRIA NA SALA DE AULA

Desta forma, como já foi relatado pelos autores mencionados, que a literatura infantil não pode ser usada unicamente como fonte de repreensão e distração, mas que tenha relação com o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo das crianças.

Abramovich (2003) diz que o principal papel de contar histórias é de desenvolver o intelectual da criança, pois o ato de contação, estimula a imaginação e a criticidade que muitas vezes pode ser explorado por meio das rodas de conversa, e de comunicação, pois sempre há uma relação de conversa com o narrador, e o professor enquanto mediador do processo de aprendizagem, deve sempre estimular os alunos a se tornarem leitores críticos.

A referida autora ainda conclui que a inserção da literatura infantil na sala de aula contribui para a formação do indivíduo e que deve ser estimulada desde cedo, pois quanto antes fizer essa ação, melhores resultados com a leitura se alcançará no futuro.

Logo, o que se tem que levar em relevância na atualidade é que cada vez mais a tecnologia toma espaço na vivência dos educandos e Jorge (2003) afirma em sua obra que este fato torna cada vez mais distante as relações interpessoais entre os indivíduos, e a leitura seria um importante instrumento que gera a afetividade nas pessoas.

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que o cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socializa e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), (participa) ativa em qualquer situação, não apenas "recebendo" passivamente, mas produzindo e (re) produzindo cultura (JORGE, 2003, p. 97).

Deste modo, o professor deve criar estratégias que gerem a comunicação com o ato da leitura, fazendo com que a criança busque significados ao seu redor, em que ela seja ativa e centro do processo de aprendizagem.

Battaglia (2003) afirma que em um mundo frenético da qual fazemos parte, a literatura tem um papel fundamental sobre a conscientização das crianças, principalmente no ensino infantil, que é o início da formação fundamental ao indivíduo, abordando aspectos éticos, estéticos e políticos e que o professor deve ocupar o papel de mediador desse processo:

Leitor que relaciona com a literatura pela via do prazer estético e como o exercício da vida. Leitor que, sendo educador, apresenta a literatura para as crianças como brincadeira levada a sério, uma brincadeira que, partindo da palavra acontece "dentro da cabeça", pondo em ação o corpo, a razão e a sensibilidade, numa relação plena do ato de conhecer (BATTAGLIA, 2003, p.118).

Deste modo, o educador deve levar em consideração e incluir em seu planejamento a leitura, assim como os pais devem incentivar o ato de ler antes mesmo da inserção da criança na escola, e o educador deve primeiramente conhecer o mundo e a linguagem da criança para mais tarde partir desse pressuposto e ensiná-la de maneira correta.

Oliveira (2009) afirma que o educador pode fazer com que a criança se interesse pela leitura através de outros elementos como canções, cantigas, dança, expressão

entre outros para instigar a criatividade e a fantasia por meio da ludicidade nas crianças. Como afirma Oliveira (2009):

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos de trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste da Literatura Infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonaram também. Para ler um texto de Literatura Infantil, é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos como a cabeça de um adulto (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

Desta forma é possível perceber que o educador deva servir de exemplo, de não deixar a magia e o encantamento de lado, para que desta maneira possa conquistar o seu aluno, que faz parte da fantasia e da criatividade e estimular também a narrativa do indivíduo, o aluno deve ter sempre o espaço para falar e relatar suas vivências.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As narrativas passadas de geração em geração por intermédio da linguagem oral são heranças de muitos povos e nações. Assim, a cultura popular se consagrou com as características locais que deram origem aos contos, mitos e lendas populares.

No decorrer do tempo, com o avanço das tecnologias, a arte de contar histórias deixou de se expandir um pouco, da mesma forma que o hábito da leitura também ocupa menos espaço na vida cotidiana dos alunos. O conhecimento acumulado pela humanidade precisa ser recuperado e transmitido por intermédio da arte de ler e de contar histórias.

No entanto, ler e contar histórias resguardam características singulares. Autores e estudiosos do tema ressaltam que há algumas diferenças entre ler, contar e representar histórias, mesmo que ambas envolvem uma preparação. Para ler uma história, o narrador se apoia no livro, já o ato de contar história depende da memória do contador.

Para BUSATTO (2008), o papel do contador é extremamente importante nessa perspectiva, pois é ele quem irá desencadear o contexto da história utilizando os recursos gestuais e orais para compor o enredo de modo que este aguce a imaginação das crianças.

Percebe-se que a literatura sofreu um desgaste no contexto escolar e isso prejudicou bastante a capacidade crítica dos alunos. No entanto, a contação de histórias aparece como uma alternativa para que a leitura envolve as crianças de certa forma e não seja usada estritamente para fins pedagógicos.

O gosto pela leitura se constrói com hábitos e a utilização da contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando. O primordial é que durante estes momentos a aquisição de saberes e informações ocorra de modo significativo na vida das crianças.

Historicamente, o contador de histórias teve muitos méritos no âmbito da literatura infantil e seu reconhecimento foi conquistado paulatinamente. No entanto, esse prestígio diminuiu em detrimento da inserção do uso das mídias e da tecnologia no espaço escolar.

Para contar uma história, é necessário o uso de diversos recursos e também é importante a consideração da faixa etária para a composição das narrativas. O roteiro para se iniciar a contação de uma história começa com a escolha criteriosa e cuidadosa do texto, pela leitura do dito e não dito do texto.

Se a criança tiver modelos de referências na arte de contar histórias, ela manifestará com mais autonomia suas expressões e opiniões. O encantamento e a fantasia dependem muito do desenvolvimento dessas posturas.

O contador de histórias tem o importante papel de estimular a motivação e adquirir a atenção das crianças para deixar fluir a imaginação. Por isso, a prática da leitura em sala de aula é recomendada como uma atividade diária, possibilitando um percurso de aprendizagem pleno de descobertas.

A arte de contar histórias promove a oportunidade de as crianças acessarem diferentes aspectos da vida, ampliando seu olhar para o mundo e compreendendo-o de distintas maneiras. O imaginário delas é enriquecido com elementos que permitem um diálogo interno e uma interlocução com as demais pessoas ao seu redor.

Nesse sentido, as crianças melhoram sua autoestima, passam a ter mais confiança em si mesmas e se tornam mais criativas e proativas. Elas necessitam de desafios, de situações problemas nas quais se envolvam com a construção do conhecimento e tam-

bém para que se tornem sujeitos investigadores, ávidos pelo prazer de descobrir e redescobrir coisas.

A arte de contar histórias proporciona à criança possibilidades de fazer diferentes leituras do mundo, podendo criar e imaginar situações que a faça estabelecer relações consigo própria e com o mundo que a cerca. A história proporciona o desenvolvimento da criatividade, possibilita o desenvolvimento da autoestima e da confiança da criança.

A contação de histórias propõe a ampliação do vocabulário infantil e auxilia a resolução de conflitos que ocorrem nas salas de aula, pois ela fornece pistas das inquietações e angústias que abrangem os conflitos entre as crianças, de modo que o professor os acolha com empatia.

No contexto da literatura, pode-se dizer que ela exerce objetivos voltados ao desenvolvimento cultural, refinando o diálogo e a comunicação das crianças. Nesse sentido, elas veem e pensam sobre a leitura e relacionam suas hipóteses com a interpretação que fazem sobre o mundo ao seu redor.

A vivência de tais emoções por meio da leitura auxilia a criança a superar as etapas do crescimento, possibilitando ampliar suas experiências de vida. Todavia, deve-se ressaltar que, às vezes, a criança pode ficar um pouco confusa entre aquilo que é real e o que não é, mas conforme ela vai amadurecendo, passa a compreender a história como uma representação de um universo que não existe (BUSATO, 2008).

A arte de contar história precisa ser inovadora, com toda certeza, porém as narrativas não podem fugir da sua essência, para que os aspectos emocionais também acompanhem o foco dessa linguagem e a imaginação e os sentimentos aflorem. Por isso, a qualidade das obras escolhidas é muito relevante, afinal o enredo contribui muito com diversos aspectos do desenvolvimento infantil.

Na relação entre o professor, a literatura e o aluno, observa-se a existência de uma comunicação cultural com o livro e com a experiência vivenciada. É importante que nesse momento se realize uma roda de conversa, para que as crianças pontuem suas opiniões e façam as colocações que consideraram mais interessantes.

A pessoa que está narrando precisa sentir a emoção nesse processo, interpretando a história lida como algo real, vivenciada por ela, para que assim possa chamar a atenção e mobilizar o prazer do aluno em ouvir. Afinal, contar histórias é desvelar o universo cultural e afetivo dos ouvintes, proporcionando um encantamento que não se encerra em si.

O pensamento lógico começa a se organizar em formas concretas que permitem as operações mentais. Acentua-se o interesse pelo conhecimento das coisas, pelos desafios e questionamento de toda a natureza. Nessa fase o adulto ainda é importante para motivação e estimulação à leitura. Os livros para as crianças pequenas devem conter imagens condizentes com o texto. A narrativa deve girar em torno de uma situação central a ser resolvida até o final a ser resolvida até o final.

No ensino, o aluno deve ser levado a analisar os diferentes propósitos que informam os modelos de regularidades na linguagem. [...] considerando que diferentes gêneros requerem diferentes tipos de conhecimentos e diferentes conjuntos de habilidades, o ensino da produção textual e da leitura não pode ser o mesmo para todo e qualquer gênero a ser estudado. (SANTOS, 2007, p. 22).

Não basta contar uma história, essa precisa ser escolhida mediante os objetivos que se quer atingir em determinado momento e quem são as crianças que estarão no tocante com a mesma.

Segundo Abramovich (2008, p.24),

“uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada.” (Abramovich, 2008, p.24).

Trabalhar com a Literatura não se restringe à mera decodificação ou assimilação de palavras, frases e textos, mas a criação da construção de conhecimento que tenham significado para todos, ainda mais no contexto da Educação Infantil, onde o contato da criança, com a literatura acontece por meio do educador. O livro é um instrumento que auxilia para conectar e

partilhar experiências de forma lúdica e dinâmica, de acordo com Kaercher (2001) a leitura é concebida em um processo amplo de construção de sentidos, que perpassa o domínio da palavra escrita e abrange as diversas linguagens, musical, corporal, imagética.

Os contos de fadas inicialmente eram voltados para o público adulto. Já existiam Personagens como heróis, vilões, príncipes, princesas, castelos e fadas, mas não faltavam mortes sangrentas, assassinatos, vingança, bruxaria, inveja, luxúria, trapaças,

sexo, incesto. Tudo com muita crueldade, ou seja, nada voltado para as crianças. Esses elementos de crueldade explicam o reflexo da estrutura social e da vida que os camponeses medievais levavam marcadas pelo trabalho pesado, pela falta de alimentos, pelas doenças, pelos ataques dos animais selvagens, pela morte prematura das crianças, altos índices de mortalidade materna, aumento de números de viúvos para cuidar dos seus filhos, entre outros fatores. Assim, que a madrasta entra como elemento dos contos de fadas. Antigamente as crianças eram consideradas mini adultos, vestindo e aprendendo coisas de adulto, depois que começaram a pensar as suas particularidades, em textos apropriados para esse público.

Entre os grandes responsáveis pelos contos de fadas existirem como conhecemos hoje figuram Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Jean de La Fontaine, irmãos Grimm e mais atualmente Walter Disney, que entre todos foi o que mais "açucarou" os contos. Disney com sua poderosa influência midiática retirou dos contos os aspectos sombrios da personalidade humana substituindo a maldade e a violência pelos finais felizes. Os irmãos Grimm, por exemplo, relataram que a história de João e Maria não era uma obra de ficção, mas sim baseada no grande número de crianças que eram abandonadas a própria sorte durante o século XIX na Europa. (HUECK, 2016).

Os contos de fadas, como conhecemos hoje, são narrativas onde aparecem seres encantados e elementos mágicos pertencentes a um mundo imaginário, maravilhoso. Estes contos têm quase sempre uma estrutura simples e fixa. Tem uma característica bem marcante como na sua fórmula inicial: "Era uma vez..." e final: "...foram felizes para sempre". Há neles uma ordem na sequência narrativa, ou seja, uma situação inicial, uma ordem perturbadora, quando a situação de equilíbrio inicial se desestabiliza, gerando uma série de conflitos que só se interrompem com o aparecimento de uma força maior que restabelece a ordem. Geralmente há personagens do bem e do mal, e a vitória, apesar do sofrimento, sempre é do personagem do bem. O "Era uma vez..." nos remete ao passado e serve de passaporte do mundo real para um mundo irreal, mundo da fantasia (GAGLIARDI e AMARAL, 2001).

Os contos de fadas proporcionam encantamento, alegria e a possibilidade de se transportar para um universo mágico, porque é disso que toda criança precisa para alimentar o seu imaginário. A criança consegue transitar com naturalidade entre o mundo real e o mundo imaginário mesmo diante do maniqueísmo que por vezes permeia o conto de fadas (o feio e o belo, o forte e o fraco, o bem e o mal, etc).

Nesse sentido, de acordo com Corso (2006, p. 17), a fantasia faz parte do universo imaginário da criança:

"A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto, não existe infância sem ficção". (Corso,2006, p. 17).

A junção da ficção com a fantasia é que constrói essa imaginação das crianças, possibilitando ela encare seus próprios medos e angústias, resolvendo conflitos internos, e enxergue a vida real de maneira mais natural, percebendo que na vida é normal algumas vezes sermos fortes, outras nem tanto, algumas vezes ser do bem, outras não.

A imaginação contribui para aumentar a capacidade de criar, estimulando e desenvolvendo tanto cognitivo como emocional. Nessa perspectiva, o conto de fadas traz lembranças, sonhos, desejos, dúvidas, medos e associações.

Assim, para a criança em formação é importante o contato com esse gênero textual desde pequena para a construção de valores; para ter contato com diferentes culturas, respeitando-as e para trabalhar a imaginação, a emocional, e o cognitivo, as diferenças, o respeito ao outro, para se sentir representada, não somente para aceitá-los como verdade absoluta, mas para conhecê-los e questioná-los, tornando pessoas críticas e que sabem lidar com suas emoções em sociedade. Além de enriquecer e aumentar o vocabulário; expandir a linguagem; estimular a inteligência; a socialização; a formação de novos hábitos; trabalhar concentração; a atenção; e despertar o interesse pela leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática muito antiga e de grande relevância para a história da humanidade. Documenta-se que, antes mesmo da escrita ser inventada, já havia o costume de utilizar o conto oral como instrumento de transmissão de conhecimento. Através dessa tradição oral muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, e, consequentemente, deixaram um rico legado de saberes, crenças e tradições, pois cada geração tinha o dever de contar as histórias para as gerações seguintes (BUSATTO, 2003; PATRINI, 2005).

O conto oral é uma das mais antigas

formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p.118).

Podemos dizer que a contação de histórias se configura como um ato de resistência e de preservação identitária, pois, mesmo com o advento de novas tecnologias de informação e comunicação, é um processo que perdura até os dias atuais e que ocorre em diversos ambientes de socialização, especialmente no núcleo familiar e na escola. A formação de professores é um componente importante no desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para ao desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil na sala de aula. Sendo a criança, um ser ativo e construtor de conhecimento, entendemos que essa construção acontece mediante as relações sociais estabelecidas com o meio durante toda a vida e na escola com seus pares e com os estudos sobre professores, portanto, a ação docente é um fator de destaque na formação de leitores desde a mais tenra idade da criança.

Consideramos, pois, que as interações sociais exercem grande influência sobre o desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos. A arte literária é um mecanismo social de formação integral da criança, que traz em seu conteúdo valores morais, costumes e crenças da história da humanidade, revelando-nos através dos tempos suas forças de propagação entre os povos. Fato esse comprovado nas vivências observadas com a prática da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Coordenação Geral de Educação Infantil Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações / Mônica Correia Baptista... [et al.], org. Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BOMTEMPO, Luzia. Alfabetização com Sucesso. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. 3. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. O Conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 42ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. Contos de fadas: trabalhando com os gêneros do discurso do narrar. São Paulo: FTD, 2001.

GARCIA, Walkiria et al. Baú do Professor. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. DF: Revista Criança: O professor da educação infantil, 2006.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PATRINI, Maria de Lourdes. A renovação do conto: emergência de uma pratica oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Carmi Ferraz. O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C.B. (orgs). Diversidade Textual: os generos na sala de aula. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.